

Lilian Ferrari

Introdução à Linguística Cognitiva

Copyright © 2011 da Autora

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Montagem de capa e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Preparação de texto
Maiara Gouveia

Revisão
Rinaldo Milesi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferrari, Lilian

Introdução à linguística cognitiva / Lilian Ferrari. – 1. ed., 5ª reimpressão. – São Paulo
: Contexto, 2022.

Bibliografia.
ISBN 978-85-7244-657-0

1. Cognição 2. Linguística cognitiva I. Título.

11-07296

CDD-415

Índice para catálogo sistemático:

1. Linguística cognitiva 415

2022

EDITORA CONTEXTO

Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa

05083-030 – São Paulo – SP

PABX: (11) 3832 5838

contexto@editoracontexto.com.br

www.editoracontexto.com.br

Frames e Modelos Cognitivos Idealizados

As estruturas de conhecimento armazenadas na memória permanente têm papel decisivo na construção do significado. Na verdade, são essas estruturas que nos permitem explicar por que a interpretação envolve sempre mais informação do que aquela diretamente codificada na forma linguística. Como podemos saber que um *estacionamento rotativo* não é exatamente um estacionamento giratório? Ou que a expressão *final de semana* não designa literalmente os dois últimos dias da semana?

Para tratar da construção do significado a partir da linguagem, diferentes vertentes da Linguística Cognitiva têm buscado desenvolver conceitos que reflitam as estruturas de conhecimento subjacentes à linguagem.

Langacker (1987: 147) estabelece a noção de *domínio* para tratar de estruturas armazenadas na memória semântica permanente. O autor argumenta que *domínio* é o contexto de caracterização da unidade semântica, destacando como domínios mais básicos aqueles que apresentam estreita ligação com a experiência corporal: espaço, visão, temperatura, paladar, pressão, dor e cor.

O termo *círculo*, por exemplo, designa uma área perfilada¹ no espaço bidimensional, que atua como seu *domínio* (ou contexto). Já o termo *diâmetro* não pode ser adequadamente definido apenas com base no espaço bidimensional. Se assim fosse, representaria uma *linha* e não uma dimensão do círculo. Assim, o *domínio* para *diâmetro* é *círculo*.² A Figura 5 ilustra os dois casos:

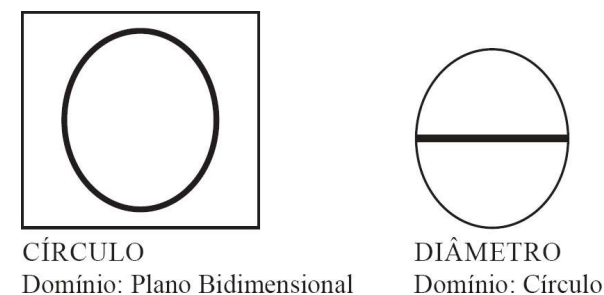


Figura 5 – Domínio e perfilamento.

Além da noção de *domínio*, enfocada mais detalhadamente no capítulo dedicado à Gramática Cognitiva, a semântica cognitiva lança mão de duas outras noções inter-relacionadas cujo objetivo é descrever estruturas cognitivas permanentes e estáveis, associadas ao armazenamento de conhecimento culturalmente compartilhado. Trata-se das noções de **Frame** e **Modelo Cognitivo Idealizado**.

Frames

A *Semântica de Frames*,³ abordagem desenvolvida por Charles Fillmore (1975, 1977, 1982, 1985), trata da estrutura semântica dos itens lexicais e construções gramaticais. O termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência.

O autor argumenta, basicamente, que o significado das palavras é subordinado a *frames*. Assim, a interpretação de uma determinada palavra, ou de um conjunto de palavras, requer o acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência. Em relação ao grupo de verbos *comprar*, *vender*, *pagar*, *gastar*, *custar*, *cobrar*, por exemplo, Fillmore (1982: 116-117) afirma ser necessário acessar o *frame* de EVENTO COMERCIAL para interpretá-los. É esse *frame* que fornece a base motivadora dos processos representados nessas palavras. Consideremos os seguintes exemplos:

- (14) Maria *comprou* um livro (por R\$30,00).
- (15) João *vendeu* seu carro (por R\$20.000,00).
- (16) Maria *pagou* R\$30,00 pelo livro.
- (17) O livro *custou* R\$30,00 (a Maria).
- (18) Aquela loja *cobrou* R\$30,00 (pelo livro).

Todas as sentenças anteriores requerem acesso ao *frame* de EVENTO COMERCIAL para serem interpretadas, embora cada uma delas destaque aspectos particulares desse *frame* em função dos verbos selecionados. Vejamos, a seguir, uma representação das relações entre os papéis participantes: *vendedor*, *comprador*, *mercadoria* e *valor* no *frame* de EVENTO COMERCIAL, e o modo pelo qual os verbos mencionados nos exemplos relacionam essas entidades:

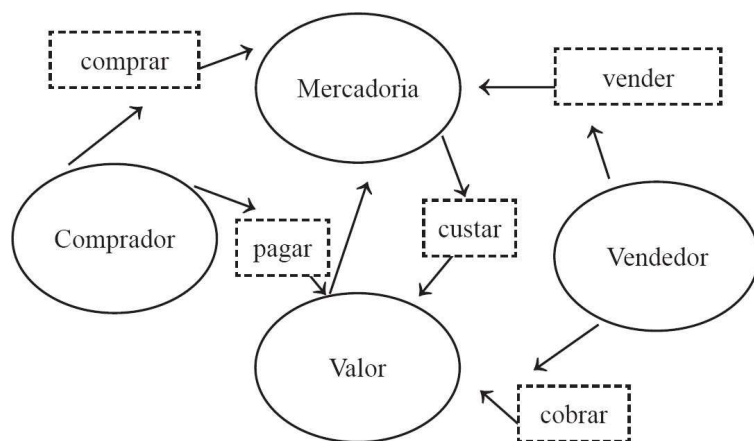


Figura 6 – Relações entre participantes do *frame* de EVENTO COMERCIAL.

A Figura 6 resume as principais relações estabelecidas pelos verbos listados nos exemplos (14) a (18): *comprar* destaca o *comprador* e a *mercadoria*; *vender* ressalta o *vendedor* e a *mercadoria*; *pagar* envolve o *comprador*, o *valor* e a *mercadoria*; *custar* coloca em proeminência a *mercadoria* e o *valor*; *cobrar* destaca o *vendedor* e o *valor*. Em suma, cada um desses verbos designa uma configuração particular de eventos. Dentro dessa perspectiva, o verbo escolhido pelo falante (por exemplo, *comprar* vs.

pagar) designa uma “rota” específica em um determinado *frame*: um modo de relacionar os vários papéis participantes para destacar certos aspectos do *frame*.

De acordo com Fillmore, uma das consequências de um *frame* como o de EVENTO COMERCIAL é a valência, que diz respeito aos modos pelos quais os verbos podem ser combinados com outras palavras para produzir sentenças gramaticais. A valência de um verbo se relaciona ao número de participantes que o verbo requer. Por exemplo, *comprar* é tipicamente “bivalente”, pois requer dois participantes, o *comprador* e a *mercadoria*; *pagar* é “trivalente”, pois exige três participantes: o *comprador*, o *valor* e a *mercadoria*.⁴

Outro exemplo clássico discutido por Fillmore (1982) é a expressão *fim de semana*. Para entendermos a expressão, precisamos acionar o *frame* de CALENDÁRIO CÍCLICO, definido a partir de fenômenos naturais (a sucessão de dias e noites) e convenções culturais (a semana de sete dias, a divisão entre dias de trabalho e dias de descanso). A partir dessa base conceitual, o termo *fim de semana* destaca dois dias, justamente aqueles reservados para descanso do trabalho – no caso, o 7º dia de uma semana (sábado) e o 1º dia de outra (domingo), e não os dias finais da semana (6º e o 7º), como se poderia esperar a partir de uma leitura literal da expressão.

A noção de *frame* pode também ser usada para descrever diferenças no domínio social de uso de uma palavra. Por exemplo, em contexto jurídico, os conceitos de INOCENTE e CULPADO são destacados a partir de um *frame* no qual inocência e culpa são resultados de um julgamento em tribunal. Fora desse domínio, as palavras indicam apenas que a pessoa cometeu ou não determinado crime (Fillmore, 1982: 127-129).

Outro aspecto importante do significado é o fato de algumas palavras denotarem a mesma coisa no mundo, mas destacadas a partir de diferentes *frames* (Fillmore, 1982: 121). Tanto TERRA quanto SOLO designam a superfície seca de nosso planeta, mas TERRA denota a superfície seca em contraste com o mar. É o caso da expressão “Terra à vista!”, que pode ser emitida por tripulantes de um navio. SOLO denota a superfície seca em contraste com o ar, como ilustra a sentença “Os *aviões* percorrem uma certa distância em *solo* antes de decolar”.

Esse aspecto do significado das palavras é bastante importante quando se contrastam termos para designar as “mesmas coisas” em línguas diferentes. As palavras inglesas FLESH e MEAT indicam carne, mas a primeira o faz a partir de um *frame* de anatomia (*substância macia localizada entre a pele e o osso no corpo dos animais*), e a segunda em relação a um *frame* de comida (*carne de animais usada na alimentação*). Em português, esse contraste não se mantém, e a designação CARNE pode ser relativizada tanto ao *frame* anatômico quanto ao culinário. Do mesmo modo, ESCADA, em português, denota uma estrutura que apresenta diferentes degraus, cuja função é ligar locais com diferença de nível vertical. Em inglês, essa estrutura é designada a partir de dois *frames* distintos: STAIRS (estrutura fixa em edifícios, casas etc.) e LADDER (estrutura móvel que pode ser deslocada para diferentes locais).

É interessante notar, ainda, que o mesmo termo pode apresentar significados distintos, se estiver associado a diferentes *frames*. A expressão CONTROLE DE IMAGEM pode estar associada a um *frame* de medicina, indicando atividade de controle da imagem radiográfica, com o objetivo de obter maior nitidez; mas também pode estar associada a um *frame* de política, destacando o tipo de estratégia adotada por um grupo de candidatos para passar uma imagem de confiabilidade aos eleitores. É nesse sentido que se pode dizer que o significado das palavras e expressões é, em parte, uma função do *frame* que lhes dá sustentação.

Nota-se, portanto, que a noção de *frame* traz implicações ao entendimento de noções problemáticas como *significado* e *conceito*. A visão tradicionalmente aceita assume que palavras específicas correspondem a conceitos particulares, essencialmente idênticos na mente dos falantes. Sendo assim, esses conceitos são, muitas vezes, caracterizados em termos objetivos com base no estabelecimento de listas de traços semânticos. A noção de *frame* desafia essa suposição, na medida em que descarta a visão de significado como *entidade*, e aposta no tratamento do significado como *função*.

Modelos Cognitivos Idealizados

Associando a noção de *frame* a processos de categorização, Lakoff (1987) desenvolveu o conceito de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), definindo-o como um conjunto complexo de *frames* distintos.

A noção de MCI, embora também represente uma estrutura de conhecimento armazenada na memória de longo prazo, pode ser mais complexa e organizada do que a noção de *frame*. De acordo com Lakoff, os MCI's dependem de três tipos de princípio estruturante em sua composição:

(a) Estrutura proposicional

Trata-se aqui do mesmo tipo de estrutura reivindicada por Fillmore para os *frames*. A expressão *terça-feira*, por exemplo, só pode ser definida em relação a um modelo idealizado que inclui o ciclo natural estabelecido pelo movimento do sol; o modo tradicional de caracterizar o fim de um dia e o início de outro e um ciclo mais amplo no calendário, relacionado à semana de sete dias. Nesse modelo idealizado, a semana é um todo que se divide em sete partes organizadas em sequência linear: cada parte é denominada *dia*, e a terceira parte é a *terça-feira*.

O modelo é idealizado, porque a semana de sete dias não existe objetivamente na natureza. Trata-se de uma criação humana e, na verdade, nem todas as culturas têm os mesmos tipos de semana.⁵

(b) Esquemas imagéticos

Os esquemas imagéticos podem fundamentar a estrutura conceptual dos MCI's. Nossa experiência do ESPAÇO é estruturada, em grande parte, com base nos esquemas imagéticos de CONTÊINER, PARTE-TODO, FRENTE-TRÁS, CIMABAIXO, ORIGEM-TRAJETO-DESTINO etc.⁶

(c) Metafóricos e metonímicos

Os MCIs podem ser estruturados por projeção metafórica ou metonímica, nos moldes propostos por Lakoff e Johnson (1980). Por exemplo, o MCI de TEMPO costuma ser metaforicamente estruturado em termos de ESPAÇO, como ilustrado na sentença *As horas passam voando*.⁷

Outra característica importante dos MCI's é o fato de apresentarem *efeitos prototípicos*, definidos como efeitos emergentes da interação de um

dado esquema com outros esquemas. Tais efeitos podem ser simples ou complexos, conforme descrevem as próximas subseções.

Efeitos prototípicos simples

Para ilustrar o efeito prototípico simples, Lakoff (1987: 70) retoma um exemplo clássico discutido por Fillmore (1982): a categoria definida pela palavra inglesa BACHELOR (*solteirão*).

A princípio, o nome *bachelor* pode ser atribuído a um homem adulto não casado. Entretanto, Fillmore chama atenção para o fato de que o nome só existe para categorizar pessoas em uma sociedade em que certas expectativas sobre casamento se mantêm. Por isso, o nome não é normalmente usado para descrever o Papa, ou um garoto abandonado na floresta que tenha atingido a maturidade sem contato com as sociedades.

Na verdade, *bachelor* só pode ser adequadamente definido com relação a um MCI no qual há uma sociedade humana que prevê casamentos tipicamente monogâmicos e uma idade apropriada para a realização dessa convenção. Trata-se de um modelo idealizado que, portanto, não considera a existência de padres, casais estáveis não casados, homossexuais, polígamos etc.

Embora em termos do Modelo Cognitivo Idealizado *bachelor* seja apenas um homem adulto não casado, essa idealização nem sempre corresponde ao mundo de forma precisa, dada a simplificação inerente às suas suposições básicas. Há setores da sociedade encaixados perfeitamente no modelo idealizado, de modo que homens adultos não casados podem ser chamados de *bachelor*. Mas o MCI não serve para o caso do Papa ou de pessoas abandonadas na selva, como o Tarzan. Embora esses indivíduos sejam homens, adultos e não casados, certamente não representam a categoria em questão.

Associando a noção fillmoreana de *frame* aos achados sobre categorização, Lakoff argumenta que os MCIs promovem efeitos prototípicos, ou seja, um MCI pode se adequar ao mundo de várias formas: *perfeitamente, muito bem, bem, um pouco mal, muito mal* ou *de jeito nenhum*. Se o MCI a partir do qual *bachelor* é definido corresponde a uma determinada situação perfeitamente e a pessoa designada pelo termo é inequivocamente um homem, adulto, não casado, então esse indivíduo se

qualifica como membro da categoria *bachelor*. Mas se o MCI não corresponde ao mundo perfeitamente, o indivíduo se afastará da situação prototípica de *bachelor*.

Não se deve deduzir do que foi exposto que *bachelor* é uma categoria gradiente. Lakoff esclarece que o MCI, por seu caráter idealizado, caracteriza casos representativos (tudo ou nada). A gradiência surge do grau em que o MCI não gradiente corresponde ao nosso conhecimento de mundo. Não se trata de estabelecer se um conceito corresponde ao mundo ou não (como seria o caso em uma teoria objetivista), mas sim de reconhecer que podemos aplicar conceitos com graus variados de acuidade em situações cujas condições básicas do MCI não entrem em conflito com nosso conhecimento. Quanto maior a adequação entre o MCI e o nosso conhecimento da situação, mais apropriada será a aplicação do conceito; quanto menor a adequação, menor a probabilidade de aplicação bem sucedida do mesmo. É a esse tipo de gradiência que Lakoff denomina efeito prototípico simples.

Efeitos prototípicos complexos

Os efeitos prototípicos podem também resultar da combinação de modelos complexos. Para ilustrar essa possibilidade, Lakoff (1987: 74-6) analisa a palavra *mãe*, tradicionalmente definida como *mulher que deu à luz uma criança*, demonstrando que essa definição não recobre todos os casos.

Lakoff propõe que *mãe* constitui um conceito baseado na combinação de modelos cognitivos individuais, formando um modelo complexo. São eles:

- (a) modelo de nascimento: a pessoa que dá à luz
- (b) modelo genético: a pessoa que contribui com material genético
- (c) modelo de criação: a pessoa que alimenta e cria a criança
- (d) modelo marital: a mulher do pai
- (e) modelo genealógico: a ancestral mais próxima

Frequentemente, há pressão para se escolher um dos modelos como aquele que *realmente* define o conceito. Em geral, o modelo selecionado

varia de acordo com o contexto ou a escolha individual. Vejamos alguns exemplos:

- (19) Eu sou adotado, e eu não sei quem é minha *mãe verdadeira*.
- (20) Eu não sou uma pessoa maternal, então eu acho que eu não poderia ser uma *mãe de verdade* para nenhuma criança.
- (21) Minha *verdadeira mãe* morreu quando eu nasci.
- (22) Eu tive uma *mãe genética* que deu o óvulo implantado no útero da minha *verdadeira mãe*.

Lakoff propõe que o conceito idealizado de MÃE é aquele no qual todos os modelos convergem, sendo, portanto, capaz de promover efeitos prototípicos.

Quando a situação é tal que os modelos para MÃE não selecionam uma pessoa apenas, surgem expressões compostas como *mãe adotiva*, *mãe biológica*, *mãe de aluguel*, *mãe de criação*, *mãe de leite* etc. Esses compostos não representam subcategorias simples, ou seja, mães comuns. Ao contrário, descrevem casos nos quais há falta de convergência entre os vários modelos.